

Resina

in imagem.casadasciencias.org

CITAÇÃO

Bismarck, M, Silva, RA (2017)
Resina,
Rev. Ciência Elem., V5(03):042.
doi.org/10.24927/rce2017.042

EDITOR

José Ferreira Gomes,
Universidade do Porto

RECEBIDO EM

7 de setembro de 2017

ACEITE EM

8 de setembro de 2017

PUBLICADO EM

30 de setembro de 2017

COPYRIGHT

© Casa das Ciências 2017.
Este artigo é de acesso livre,
distribuído sob licença Creative
Commons com a designação
[CC-BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite
a utilização e a partilha para fins
não comerciais, desde que citado
o autor e a fonte original do artigo.

rce.casadasciencias.org



“A bela e o monstro”

As imagens científicas tendem a ser, por im-
perativo comunicacional, objectivas, claras e
monossémicas, isto é, possuírem uma única
leitura. Mas, como imagens que são, pos-
suem outros atributos que envolvem o restri-
to rigor da comunicação científica, acrescen-
tando à imagem uma mais valia, um poder
especial de atração do nosso olhar.

O pensamento (e a civilização) ocidental
revê-se e constrói-se arquetipamente sobre a
estranheza das dualidades, sobre os conflitos
dos opostos mas também nas atrações dos
contrários, na unidade e complementaridade
das dicotomias. A vida e a morte (eros e tha-
natos), o corpo e a mente, o bem e o mal, a ma-
téria e o espírito, a forma e o fundo, o belo e o
horrrível, são exemplos de termos que, sendo
opostos, se fundem e confundem numa ten-
são comum. Na presença dos opostos, cada
elemento potencia as suas características no
confronto com o outro, necessitando cada um
da presença do outro: assim são inseparáveis
e assim coexistem. Assim é o mundo.

Esta é uma fotografia que mantém os atri-
butos de objectividade da imagem (centrali-
dade do enquadramento, iluminação cuidada,
eficácia da focagem, clareza descritiva) mas
que realça à nossa percepção esta conju-
gação indivisível dos contrários: o opaco e o
transparente, o rugoso e o polido, o brilhante
e o turvo, a cor e a sua ausência, o escuro e o
claro, as formas complexas e as formas sim-
ples, o irregular e a geometria.

Tanta tensão e complexidade numa ima-
gem aparentemente tão “simples”.

Mário Bismarck
Belas Artes/ Universidade do Porto
malmeida@fba.up.pt

Quando me falam em resina vem-me de ime-
diato à memória a imagem de pinheiros no
tronco dos quais tinham sido inseridas, atra-
vés de um corte (ferida), pequenos “púca-
ros” de barro onde se acumulava resina que
brotava dessas plantas. Essa imagem, tão
comum nos pinhais desde o final do século
XIX até ao final dos anos 70 do século pas-
sado (quando Portugal era o segundo maior
produtor mundial), era a da então designada
resina-de-pinheiro.

No entanto, a resina não é exclusiva das
Gimnospérmicas arbóreas conhecidas como
Coníferas, podendo ser encontrada noutras
espécies, incluindo angiospérmicas, nomea-
damente em *Myroxylon* sp., *Pistacia lentis-
cus* (lentisco ou aroeira), *Acer* sp., etc.

A resina da imagem é a resina de um pi-
nheiro, que é a mais procurada para fins in-
dustriais e químicos, de onde se pode obter a
aguarrás e o pez os quais podem ser usados
na produção de inúmeros produtos e seus
derivados, tais como: colas, gomas, graxas,
lacas, terebentina, vernizes, etc.

Mas o que é então a resina? Trata-se de
um líquido mais ou menos viscoso, em geral
transparente e muito pegajoso, quase sem
cor podendo ir até um amarelo acastanhado,
de cheiro característico, que árvores resi-
nosas, como os pinheiros, produzem no seu
interior quando sofrem algum dano ou ferida
no tronco.

Estes fluidos, compostos por terpenos e
seus derivados (incluindo óleos e álcoois),
são produzidos naturalmente, em canais
resiníferos, isto é, em tecidos secretores in-
tercelulares onde se acumulam, tendo por
missão selar feridas e impedindo os ataques
de fungos e de insectos fitófagos.

A resina mais famosa será o designado Âmbar, uma pedra semipreciosa. Composta por resina vegetal fossilizada proveniente de restos de coníferas e de algumas angiospérmicas.

Rubim Almeida Silva
Ciências/ Universidade do Porto

